

O FENÔMENO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL NO BRASIL – ELEMENTOS TEÓRICOS E BIBLIOGRÁFICOS

EVERTON ALBUQUERQUE CAVALCANTI

Universidade Federal do Paraná / Brasil

profevertoncavalcanti@hotmail.com

JULIANO DE SOUZA

Universidade Federal do Paraná / Brasil

julianoedf@yahoo.com.br

ANDRÉ MENDES CAPRARO

Universidade Federal do Paraná / Brasil

andrecapraro@onda.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é abordar o fenômeno das torcidas organizadas no Brasil, atentando para o desvelamento de algumas das lógicas subjacentes aos “estilos de vida” de seus integrantes e aos seus comportamentos, por vezes, orientados pela violência física e verbalizada contra os torcedores rivais. Para isso, delimitou-se a retomada de alguns processos históricos e estruturais inerente à sociabilidade torcedora, discutindo os motivos pelos quais a interação social pode gerar conflitos entre grupos. A discussão substanciou-se nas literaturas acadêmicas da área no sentido de estabelecer uma conversação entre as principais obras acerca do tema. Entre outros aspectos, a violência nas TO’s pode caracterizar-se a partir da rivalidade hostil que causa um desequilíbrio quando torcedores organizados de clubes diferentes se encontram pela cidade antes de uma partida. A tensão-excitação que o futebol causa nos indivíduos possibilita a quebra do comportamento socialmente aceito, gerando atos violentos.

Palavras-chave: Torcidas organizadas; Estilo de vida; Violência.

El fenómeno de las hinchadas organizadas de fútbol en Brasil – elementos teóricos y bibliográficos

Resumen

El propósito de este artículo es abordar el fenómeno de las hinchadas organizadas en Brasil, destacando para la presentación de algunas lógicas subyacentes a los “estilos de vida” de sus miembros y sus comportamientos, por veces guiados por la violencia física y verbal contra los torcedores rivales. Para esto, se delimita la reanudación de algunos procesos históricos y estructurales inherentes a la sociabilidad torcedora, discutiendo las razones por las cuales la interacción social puede crear conflictos entre los grupos. El argumento se fundamenta en la literatura académica del área para establecer un diálogo entre las obras más importantes sobre el tema. Entre otras cosas, la violencia en las hinchadas organizadas se puede caracterizar como la rivalidad hostil que causa un desequilibrio cuando los torcedores organizados de diferentes clubes se reúnen en la ciudad antes de una partida. La tensión-excitación que el fútbol promueve a las personas possibilita una quebra del comportamiento socialmente aceptado, generando actos de violencia.

Palabras clave: Hinchadas organizadas; Estilos de vida; Violencia.

The phenomenon of organized supporters of football in Brazil – theoretical and bibliographical elements

Abstract

The purpose of this article is to address the phenomenon of organized supporters in Brazil, unveiling some of the logics underlying the 'lifestyles' of members and their behaviors, sometimes guided by physical and voiced violence against rival fans. For this, we delimitated to resumption of some historical and structural processes inherent sociability fans, discussing the reasons why social interaction can create conflicts between groups. The argument in the academic literature in the area to establish a conversation between the major researches on the subject. Among other things, violence among organized supporters can be characterized as hostile rivalry that causes an imbalance when organized supporters of different clubs meet for the city before a match. The tension-excitement that football enables individuals concerned in the breaking of socially accepted behavior, generating violent acts.

Key-words: Organized supporters; Lifestyle; Violence.

Introdução

O futebol, segundo o que se dissemina no âmbito das incursões jornalísticas e da própria produção acadêmica brasileira, trata-se de um elemento que tanto ajudou a construir a identidade nacional deste país (Leite Lopes, 1994; Murad, 1996; Helal; Gordon Júnior, 1999; Soares; Lovisol, 2003) quanto também é fruto dos próprios processos político-ideológicos que culminaram com a constituição desta identidade (Levine, 1982; Ramos, 1984; Caldas, 1994). Isso, sem dúvida alguma, já é ponto pacífico na produção científica cristalizada.

No entanto, ao longo desta última década trabalhos de natureza antropológica (Damo, 2002; Damo, 2007) vêm demonstrando que ao lado da tão bem inventada identidade futebolística brasileira, foi se constituindo de forma decisiva e, talvez, com um papel mais relevante para o entendimento do lugar que o futebol alcança na hierarquia das práticas culturais no Brasil, uma série de identidades clubísticas que sinalizam a ligação efetiva e afetiva de indivíduos a seus respectivos clubes de modo que tal aderência ao futebol transfigura-se num verdadeiro “estilo de vida clubístico” (Toledo, 1996).

Esse denominado “estilo de vida clubístico”, por sua vez, abrange desde as denominadas ritualizações de caráter mais informal e acionadas de maneira esporádica e independentemente dos grandes ajuntamentos populacionais nos estádios (as reuniões de amigos em bares ou mesmo as reuniões entre famílias para assistirem partidas de futebol se constituem nos exemplos mais emblemáticos), quanto às institucionalizadas ritualizações coletivas que tem seu grande ápice nos dias de jogos e, dentre as quais, destaca-se o fenômeno das torcidas organizadas (TO's).

Em conformidade com Toledo (1996: 113-120), os integrantes das torcidas organizadas são indivíduos que buscam dentro dos agrupamentos, além de um meio de convívio social, aderência e proteção. São sujeitos que estão inseridos na sociedade contemporânea segundo as expressões simbólicas

da situação de classe (Bourdieu, 1983) e que, ao se reunirem com outros indivíduos que compartilham das mesmas crenças clubísticas, tendem ao descontrole das emoções, saindo do comportamento socialmente aceito durante eventos relacionados às partidas de futebol (Elias; Dunning, 1992).

No presente artigo, procurar-se-á então problematizar essa segunda dimensão da sociabilidade torcedora, ou seja, aquela que se ergue para além da dimensão informal e esporádica do pertencimento clubístico. Dito de forma mais incisiva, o que se procura fazer no decorrer deste texto é abordar o fenômeno das torcidas organizadas no Brasil, atentando, sobretudo, para o desvelamento de algumas das lógicas subjacentes aos “estilos de vida” de seus integrantes e aos seus comportamentos, por vezes, orientados pela violência física e verbalizada contra os torcedores rivais.

Para levar a efeito essa proposta, delimitou-se a retomada de alguns processos históricos e estruturais inerentes à sociabilidade torcedora, discutindo os motivos pelos quais a interação social pode gerar conflitos entre grupos. Para isso, a discussão substanciou-se nas literaturas acadêmicas da área no sentido de estabelecer uma conversação entre as principais obras acerca do tema, retratando as generalidades do fenômeno das TO's a partir das especificidades do comportamento dos sujeitos integrantes destes agrupamentos.

A gênese das TO's

O futebol brasileiro, a propósito do que ocorreu na Inglaterra, teve como uma de suas vias de aparição a prática desse esporte pelas elites estudantis (Franco Júnior, 2007; Wisnik, 2008). Os colégios da alta sociedade estimulavam uma prática futebolística de caráter recreativo devido o status que a modalidade detinha no contexto nacional do início do século XX. Não por acaso é que alguns dos primeiros clubes que surgiram – Clube Atlético Payssandu, Germânia, São Paulo Atlético etc. – eram compostos por indivíduos essencialmente oriundos de famílias tradicionais (Caldas, 1994).

Compete frisar que, num primeiro momento, os grupos elitistas tentaram conter a disseminação desta prática para os estratos sociais considerados inferiores através de uma série de mecanismos que visavam preservar o estatuto distintivo do futebol como modalidade amadora (Leite Lopes, 1994). No entanto, como o futebol exigia um número de vinte e dois jogadores para se desenvolver a partida segundo as regras que regiam a prática futebolística na Inglaterra, foi sendo requisitada no interior das fábricas, por exemplo, a participação também de operários (Caldas, 1994). Nesse caso, o futebol praticado nas fábricas pode ser lido como uma das primeiras iniciativas de disseminação desse esporte para vários segmentos sociais no Brasil (Helal *et al.*, 2001).

É importante agregar a esse último comentário que com o passar dos tempos, os grupos tidos como inferiores passaram também a vivenciar a modalidade na condição de espectadores (Negreiros,

1998, p. 42-62). Estes indivíduos, desde o início do século XX, já se dispunham, inclusive, a organizar uma série de festividades em relação às partidas, tal como sugerido por Toro nos seguintes termos:

O que o jornalismo descobre é que com o nascimento da torcida popular também nasce o espectador como tributário de elementos vistosos e festivos. Parecia uma observação banal – levando em conta que gritos, cânticos e coreografias fazem parte da performance habitual do espectador de futebol contemporâneo, sobretudo daquele vinculado às grandes torcidas organizadas – não fosse o fato de que tais expressões, executadas por multidões, eram um fenômeno inédito entre os espectadores de futebol do início do século XX (Toro, 2004: 13).

É possível argumentar com base nesse fragmento que já no início do século XX grupos torcedores começaram a surgir com o ideal de apoiar seus respectivos clubes em dias de jogos nos estádios. Tão imediatamente também foram surgindo às primeiras torcidas que inicialmente foram denominadas torcidas uniformizadas (Hansen, 2007). Porém, é importante ressaltar que esses grupamentos iniciais tinham interesses totalmente diversos aos atuais objetivos das torcidas organizadas contemporâneas, pois compareciam aos estádios, tudo leva a crer, com o objetivo principal de apoiar o clube, promover cânticos de incentivo e organizar a festa em torno do futebol (Hansen, 2007).

Avançando nessa análise, compete ressaltar que foi a partir dos anos 1940 que começaram a surgir as chamadas torcidas uniformizadas no Brasil. A propósito, a primeira notícia que se tem destes agrupamentos foi a da fundação da torcida uniformizada do São Paulo em 1940. Já no Rio de Janeiro um torcedor fundou a charanga musical do Flamengo (Toledo, 1996: 21-22). O objetivo da criação de tais grupos era reunir sujeitos interessados em apoiar o clube nos dias de jogos, de maneira que o surgimento desse modelo de grupamento colaborou para a própria disseminação e circulação massiva do futebol no Brasil a partir do acirramento de uma série de rivalidades regionais (Franco Júnior, 2007).

As torcidas uniformizadas tinham um chefe que também poderia ser conhecido como uma espécie de “torcedor-símbolo”, que, na maioria das vezes, era ligado ao clube e tinha por função manter os membros da torcida em uma disciplina severa. O ideal da torcida era apoiar o time, sem imaginar o adversário como inimigo e sem utilizar da violência para superá-lo (Hansen, 2007: 1-2). Importante atentar que esses líderes não eram escolhidos segundo o “sistema presidencial” adotado atualmente pelas torcidas organizadas. Além disso, não existiam eleições para tal cargo, como tampouco havia responsabilidades administrativas como se verifica na atualidade.

Conjectura-se, então, que as torcidas uniformizadas, tal como surgiram nos anos 1940, não apresentavam maiores relações com a violência no futebol. Some-se a esse prognóstico o fato de não haver também manifestações incisivamente contrárias aos clubes, sobre qualquer ponto de vista, fosse este positivo ou negativo. Além do mais, não existiam atividades extra-partidas, como ocorre com as

atuais torcidas organizadas. Dito de outro modo, a relação que se estabelecia era única e exclusiva durante o período dos jogos, sem organização de festas ou eventos paralelos, como acontece atualmente.

Dando sequência a esse recenseamento, é importante frisar que foi no final dos anos 1960 que surgiu um novo modelo de organização esportiva referente à manifestação e sociabilidade torcedora, qual seja, as TO's. Diferente das torcidas uniformizadas, as TO's passaram a se reconhecerem como força independente em relação aos clubes (Toro, 2004). A estrutura dessas agremiações se modificou, quando ganharam uma diretoria específica, tendo como figura principal um presidente, retirando a figura do chefe ou “torcedor-símbolo” (Hansen, 2007: 2).

O surgimento dos Gaviões da Fiel em 1969, por exemplo, mostra o intuito real que justificava o aparecimento dessas agremiações. Procurando uma solução para a frustração das derrotas esportivas, torcedores corintianos fundaram a torcida com a intenção de, à sua maneira, cobrar uma tomada de posição mais firme por parte da diretoria diante da situação em que o clube se encontrava (Toro, 2004). Posteriormente outras TO's surgiram em todo o país: em 1969 surgiu a Torcida Jovem do Santos; em 1970 a Força Jovem do Vasco; a Tricolor Independente do São Paulo foi fundada em 1972 e a Raça Rubro Negra do Flamengo em 1977. O crescimento dessas agremiações aconteceu rapidamente, chamando a atenção da mídia esportiva especializada (Helal; Gordon Júnior, 2002). Os torcedores organizados passaram, além disso, a serem reconhecidos como uma nova classe torcedora, responsáveis pelo espetáculo das arquibancadas, sendo por diversas vezes citadas nos veículos de comunicação (Toro, 2004: 7-38).

Não obstante esse prognóstico, por volta dos anos 1980, as TO's começaram também a ser reconhecidas pela sua índole violenta. Volta e meia, nas páginas policiais, manchetes passaram a destacar os atos violentos das TO's (Toledo, 1996). Alguns desses atos, inclusive, repercutem até os tempos atuais. É possível, além disso, pensar essa tendência à violência a partir das relações de poder que se estabeleciam entre duas agremiações torcedoras contrárias, na qual a força imposta por um grupo em relação a outro provocava tensões que extremavam as rivalidades (Elias; Dunning, 1992).

O surgimento da torcida Mancha Verde da Sociedade Esportiva Palmeiras pode exemplificar essa questão. Tal torcida resultou da fusão de três grupamentos menores que sofriam preconceito das torcidas rivais. Chamados de covardes uniram-se com intuito de fortalecer um grupo e prepararem-se para possíveis confrontos (Pimenta, 2000: 125). Nota-se então o desvirtuamento do objetivo inicial das torcidas organizadas, a saber, o de grupamentos independentes que auxiliavam na fiscalização clubística e, acima de tudo, ficariam a cargo de produzir o “espetáculo das arquibancadas”.

Há que se destacar também no bojo desse processo, o papel da imprensa no sentido de difundir, em alguma medida, os próprios atos de violência no futebol. Como parte do espetáculo esportivo, as TO's passaram a ser protagonistas da mídia por sua capacidade em promover o futebol. Portanto, essa

ruptura que afirma que a violência exacerbou-se a partir dos anos 1980 interliga-se à profissionalização do esporte e ao conseqüente surgimento de uma cultura midiática que, ao utilizar o discurso polêmico da violência no esporte como uma estratégia mercadológica, acaba afetando os próprios comportamentos dos agentes através do agenciamento e reverberação de fatos que contêm alta carga emotiva (Costa, 2010; 2011; Borelli, 2002).

O “estilo de vida” nas TO’s

Para os integrantes de TO’s, o futebol, o clube de preferência e, principalmente, a agremiação a qual pertencem são considerados por si só o motivo da própria existência. Esses torcedores vivem em função da torcida, de suas atividades e seus ideais. Ao se associarem a uma TO e conviverem cotidianamente com a realidade do agrupamento, esses indivíduos assumem uma identidade que previamente os define diante de outros grupos e que permeiam as relações sociais que estabelecem em seu cotidiano (Gastaldo, 2009: 2-3).

Alguns destes sujeitos chegam, inclusive, a adaptar seus afazeres diários em função de suas atividades nas TO’s (Toledo, 1996). Segundo Hansen (2007) no cotidiano dos integrantes das TO’s, podem-se encontrar diferentes “estilos de vida”, até pelo fato de alguns desses sujeitos adaptarem sua vida pessoal, profissional e familiar às atividades que caracterizam o grupo. Diante desse comportamento de pertencimento, faz parte da rotina andar pelas ruas com um grande número de indivíduos, portando a camisa do time ou preferencialmente da própria torcida, mostrando a identidade e sociabilidade que os caracterizam como diferentes dos demais (Paula, 2004).

Nos vários âmbitos possíveis de identificação, o perfil característico dos integrantes de torcidas organizadas é eclético. Indivíduos de todas as classes sociais, raças, gêneros integram esses grupamentos. Sujeitos que trabalham nas mais variadas profissões; indivíduos que respondem processos criminais; usuários de droga; estudantes; pais de famílias; mulheres. Porém, essa heterogeneidade não exclui características específicas a cada torcida, onde certa agremiação pode ter um número maior de torcedores de determinada classe social (Pimenta, 2000: 122-126).

Essa última relação de contigüidade sugerida entre pertencimento clubístico e classe social pode ser pensada como parte do processo histórico que culminou com a própria difusão do futebol pelo mundo (Elias; Dunning, 1992). Na cidade de São Paulo, por exemplo, essa lógica que classifica os clubes segundo o *habitus* de classe de seus torcedores (Bourdieu, 1983) pode ser visualizada nos embates que historicamente foram construídos entre os principais times de futebol que aí vieram a ser formados, a saber, o Sport Club Corinthians Paulista associado às classes baixas, a Sociedade Esportiva Palmeiras associada aos imigrantes italianos e o São Paulo Futebol Clube associado às elites dirigentes locais (Franco Júnior, 2007; Wisnik, 2008).

No que se refere à idade dos torcedores, é possível caracterizar as TO's como grupos formados predominantemente por jovens. Por sua vez, os principais motivos que levam esses indivíduos a aderirem as TO's são: o uso de vestimentas identificatórias (uniformes); a força do agrupamento; as possíveis relações de amizade dentro da torcida (sociabilidade); o demarcar de um “estilo de vida” e até mesmo o prazer pela violência (Pimenta, 2000: 124-125). Além disso, é importante ressaltar que para os sujeitos que integram as torcidas organizadas, torna-se um status participar das reuniões das respectivas agremiações. Esses indivíduos sentem-se com importância dentro do grupo, buscando muitas vezes nas TO's uma forma de reconhecimento social.

Para Hansen (2007: 39-52), o comprometimento que o integrante tem com a torcida é que demonstra que o sujeito faz parte do grupo. Para os que gostam da agremiação, mesmo morando longe e não sendo dia de jogo, é importante estar na sede pela questão da sociabilidade, de se encontrar com aqueles que acreditam num mesmo ideal. Além disso, ao integrar uma TO o indivíduo deve participar de uma série de rituais, os quais são incorporados pelo grupo e podem definir a maneira como este age no seu cotidiano (Pimenta, 2000; Franco Júnior, 2007).

A título de exemplo, vale lembrar que em dias de jogos os indivíduos não fazem o rotineiro trajeto casa/estádio de futebol. Ao invés disso, deslocam-se primeiramente em destino à sede da TO, com o intuito de colaborar na organização dos preparativos para o evento e também para se sociabilizarem com seus iguais. Note-se que geralmente estes indivíduos vão ao estádio em comboio (a pé ou em ônibus). Chegam, inclusive, com bastante antecedência, porém, permanecem fora do estádio até momentos antes do início dos jogos. Quando adentram ao estádio, têm lugar previamente estabelecido, instituído culturalmente ao longo dos anos (Hansen, 2007: 30-39).

Os integrantes de torcidas se mobilizam em torno do futebol, e visam os mais variados aspectos, como entretenimento, interesse político, visibilidade no grupo e sociabilidade (Toledo, 1996: 113-120). Para tais torcedores, mais do que vivenciar um novo modo de vida, o importante é estar presente em momentos importantes da própria torcida, ou seja, proporcionar e fazer parte da experiência coletiva. Além do mais, existem significados permeando o pertencimento a uma TO e estes não giram em torno apenas da identidade clubística, mas em torno da própria TO, da relação direta com atividades de um grupo específico, da responsabilidade em pertencer e trabalhar em função de uma instituição (Hansen, 2007). Esse espectro de relações, por sua vez, pode definir não só uma maneira peculiar de gostar de futebol, mas também impor um “estilo de vida”.

Violência nas TO's

A violência relacionada às TO's, de uma forma geral, pode ser tanto social, quanto esportiva ou até mesmo resultar da interação entre ambas. Importa, além disso, frisar que qualquer uma dessas manifestações de violência pode influenciar no cotidiano da sociedade de uma maneira mais ampla. De antemão, é necessário esclarecer que a violência nas TO's lembra a hostilidade-excitante que tem caracterizado o fenômeno do *hooliganismo* estudado a fundo por Elias e Dunning (1992), muito embora seja de suma importância ressaltar que as TO's brasileiras em vários aspectos diferem dos grupos *hooligans*. A violência nas TO's brasileiras tende também a se aproximar da forma com que este fenômeno insurge nas “*Barras Bravas*” da Argentina e nos “*Porras*” do México, algo que, no entanto, precisa ser mais bem problematizado na literatura especialmente por conta das particularidades dos processos civilizadores latino-americanos, se bem que em todos esses tipos de agrupamentos ordenados a excitação-tensão que o esporte favorece em compensação às rotinas de seriedade pode vir a ser quebrada e assim caracterizar um processo esportivo descivilizatório (Elias; Dunning, 1992).

Na esteira dessa análise, compete então ressaltar que alguns dos agrupamentos *hooligans* têm engajamento político definido, diferentemente das TO's que atuam na fiscalização de seus clubes ou mesmo em projetos beneficentes. Outro fator diferenciador a ser considerado se refere à forma de organização dessas instituições. Os *hooligans* dispõem-se no estádio e outros espaços que frequentam de maneira informal, apesar da forte presença hierárquica. Já as TO's se pautam por um estatuto que a define como estrutura jurídica consubstanciada por regras a serem seguidas. Os locais para reunião de membros também difere consideravelmente, onde os *hooligans* se reúnem em pubs e as TO's possuem sede própria na qual promovem diversos eventos ligados à entidade e ao clube pertencente. Além disso, e diferentemente das torcidas organizadas, os *hooligans* não utilizam vestimentas associadas aos clubes que pertencem e não fazem uso de instrumentos musicais e outros objetos durante os jogos (Sahaj, 2009; Lopes; Cordeiro, 2010).

Reis (2003) se utiliza do instrumental teórico *eliasiano* para tentar explicar a violência entre TO's. A linha de pensamento é a seguinte: segundo Elias, o desporto envolve os sujeitos de maneira que estes acabam por participar do confronto direta ou indiretamente, se envolvendo de tal forma que a sensação de prazer pela excitação que sentem não lhes causa arrependimento (Elias; Dunning, 1992). Em outras palavras, o interesse específico no futebol deve-se a uma necessidade socialmente constituída desses agentes se envolverem em atividades de lazer e entretenimento que lhes proporcione sensação de excitação. Porém, em alguns casos, a exemplo dos torcedores organizados, essa necessidade é fora do comum (Reis, 2003).

Ronaldo Helal, por sua vez, apresenta outro tipo de interpretação para este fenômeno. Segundo o autor, o que é popular e massificante tem o poder de integrar o torcedor passivo à dimensão do espetáculo, este último sendo entendido como cultura popular ou cultura de “massa” (Helal; Soares;

Lovisoló, 2001). Permite-se, a partir disso, pensar então a violência como algo envolto ao processo de absorção que desempenharia o espetáculo esportivo, se bem que é possível discordar desse ponto de vista, dadas as dificuldades de se sustentar a tese de que o futebol enquanto espetáculo de massa seria o motivo desvirtuador do comportamento social aceitável.

Além disso, a gama de possibilidades que o espetáculo esportivo garante se estabelece levando em conta uma série de gostos particulares que visam atender à liberdade de escolha, de modo que se torna no mínimo embaraçoso pensar o futebol como uma prática alienante capaz de externar a violência. Em contrapartida, a teoria *eliasiana* permite estudar com mais propriedade as possibilidades da violência enquanto necessidade da tensão-excitação que, no caso das TO's, causam o desequilíbrio entre a rivalidade amigável e a rivalidade hostil (Elias; Dunning, 1992).

Elias e Dunning (1992) destacam que no desporto há um equilíbrio entre rivalidade amigável e rivalidade hostil devido à tensão-excitação do jogo. No entanto, sob algumas circunstâncias este equilíbrio pode tender para a rivalidade hostil, fazendo com que os confrontos simulados se transformem em violência não-ritual. Quando isto acontece, o objetivo de agredir um rival pode aflorar. Estes desequilíbrios das formas de violência e dos tipos de rivalidade são, por conseguinte, mais facilmente identificáveis em agrupamentos como as torcidas organizadas (Hansen, 2007: 59-69).

Para os dirigentes e autoridades existem dois fatores que podem explicar a revolta dos torcedores: a mídia e os acontecimentos ao longo do jogo (Pimenta, 2000). Há sempre uma previsão de briga, uma espécie de predisposição à violência, que aflora os ânimos dos torcedores, potencializando esse tipo de comportamento. Os meios de comunicação alimentam isso, mostrando situações desagradáveis de forma espetacular (Toledo, 1996). Culpar, entretanto, a mídia como veículo responsável diretamente pelos atos de violência causados pelas torcidas organizadas pode ser uma precipitação. O que acontece, conforme já mencionado no texto, é que determinada veiculação midiática de um fato violento pode corroborar para aflorar o sentimento de hostilidade de uma torcida em relação à outra, muito embora seja prudente entender isso como fator indireto no tocante às manifestações de violência no futebol.

Acrescendo mais elementos à discussão, é oportuno ressaltar que uma série de outros fatores relacionados ao curso do jogo podem diretamente repercutir em atos violentos. Segundo Paulo Serdan, liderança ligada à torcida “Mancha Verde”, esses atos de violência se justificariam em função de inúmeros “detalhes”, a saber:

[...] um detalhe do juiz, um detalhe do bandeirinha, um detalhe do policiamento. É uma série de detalhezinhos que vai insuflar a ‘torcida’ e vai criar um clima de guerra. Você chega num estádio e não tem água para beber, não tem banheiro para ir [...] um guarda que é um pouco violento [...] um bandeirinha que vira para trás e tira um barato com a cara da torcida ou o próprio diretor de clube que o seu time faz gol, ele vira para a

torcida e tira um barato, então é uma série de detalhes que faz você sair do sério [...] (Serdan apud Pimenta, 2000: 125).

Para além, no entanto, desses “detalhes” aludidos com vistas a explicar o comportamento violento de torcedores, é necessário frisar que o resultado das partidas e/ou performance de uma equipe ergue-se e constitui-se em um dos principais fatores que condicionam as manifestações de violência no futebol. Por exemplo, quando um time perde um jogo decisivo, a tensão-excitação da partida pode vir a desencadear um descontrole da situação e gerar violência. Não obstante, é necessário levar-se em conta que os acontecimentos da partida envolvem diversos outros fatores que vão além do resultado. Além disso, é a somatória destes fatores que possibilitam que um descontrole total das emoções venha à tona. Não se pode deixar de observar também que o Brasil, em se tratando da gestão e organização esportiva, ainda se encontra em um estágio bastante incipiente. Dirigentes e autoridades, nesse caso, acabam se eximindo de culpa com relação à infraestrutura e a segurança nos estádios (Reis, 2003).

Por fim, é importante reiterar que os principais elementos responsáveis pelas práticas de violência no futebol são de ordem psicossocial, ou seja, são despertados no contexto de formação de grupos onde as emoções e os sentimentos reprimidos dos indivíduos são potencializados e estimulados. Segundo Elias e Dunning (1992), o fato de haver uma ligação afetivamente positiva com quem pertence ao grupo e de hostilidade com quem não pertence faz com que, quando grupos rivais se encontrem, a rivalidade seja exacerbada e o conflito inevitável. Para Silva (2008), os sentimentos de coragem, ousadia e suposta superioridade sobre os rivais são sensações que os torcedores sentem por pertencerem ao grupo, sentindo-se seguros para cometerem atos de violência. Já segundo Santos (2004), para que alguns indivíduos que se vinculam às TO's sintam-se melhores que os torcedores rivais é preciso ir além de simplesmente ter a melhor bandeira ou a bateria mais empolgante; é necessário, ao invés disso, obterem sua autoafirmação através do uso da força física.

Considerações finais

Ao longo desse artigo pôde-se constatar que a partir dos anos 1940 algumas mudanças estruturais e simbólicas passaram a ser potencializadas no futebol brasileiro de um modo amplificado. Tais mudanças, por conseguinte, afetaram também a maneira de torcer dos indivíduos, que passaram a se organizar em grupos sistemáticos por vários motivos. Esses “torcedores organizados” adotaram um padrão diferente de como se comportar e até viver, que pode ser descrito como um “estilo de vida”.

Dentro das TO's, os indivíduos se sentem relativamente seguros, demonstram coragem, ousadia e suposta superioridade sobre os rivais, o que potencializa surtos de violência no contexto futebolístico. Nesse particular, defender as causas da violência no futebol como fator potencializado unicamente pela mídia trata-se de uma postura um tanto quanto reducionista. Ao invés disso, é necessário pensar a

violência neste esporte como um processo complexo que envolve vários fatores que dizem respeito às relações inter e intragrúpicas sedimentadas a partir da (re)produção de crenças sociais que enaltecem a imagem positiva que as torcidas conservam de si próprias ao mesmo tempo que hostilizam e estigmatizam as torcidas rivais.

Deste modo, o comportamento hostil decorrente do encontro de torcedores de clubes rivais em determinados espaços citadinos antes, durante e após um jogo (envolvendo ou não ambas as equipes), é o aspecto mais importante a ser considerado para explicar os surtos de violência no futebol. É preciso considerar também a tensão-excitação que o futebol desperta nos indivíduos, favorecendo então a quebra do comportamento socialmente aceito. No bojo dessas explicações sobre a violência no futebol, há que se fazer jus ainda aos aspectos de interferências que cercam o esporte, tais como a precária organização de eventos esportivos, a estrutura dos estádios no Brasil, além dos comportamentos exigidos no interior das próprias TO's, que se antes tinham por função fiscalizar o clube e preparar o “espetáculo das arquibancadas”, ao longo especialmente das três últimas décadas acabaram se convertendo em *locus* de disputas de força física e de conquista de espaço simbólico. Isso evidenciado, é possível então dizer que as TO's recorrem a atos de hostilidade física e verbalizada com o propósito maior de demarcar seu poder.

À guisa de conclusão ressalta-se, então, que há um conjunto de situações sociais e esportivas que interferem no comportamento individual e coletivo dos sujeitos que integram as TO's e motivam os atos de violência. Apesar da ênfase das diretorias das TO's no sentido de afirmar que a torcida tem como função maior promover a sociabilidade torcedora, além do apoio e fiscalização ao clube, é insofismável o fato de que alguns dos indivíduos que integram esses grupamentos são promotores de atos de vandalismo e hostilidade em relação a torcedores rivais e até mesmo contra sua própria equipe. Quando isso acontece, o futebol torna-se tendencialmente um perigo para todos e coloca sob risco a vida de sujeitos que estejam envolvidos ou não com essa prática.

Referências

Alabarces, P. (1998). De que hablamos cuando hablamos de deporte? **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, v.154, n.1, pp. 74-86.

Borelli, V. (2002). O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: **Intercom/2002 – XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**. Salvador. pp. 1-22.

Bourdieu, P. (1983). Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 136-153.

Caldas, W. (1994). Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP/ Dossiê futebol**, São Paulo, n. 22, pp. 40-49.

Costa, L. M. (2010). Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. Logos 33 **Comunicação e Esporte**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2.

Costa, L. M. (2011). Notícias esportivas. Entre o jornalismo e a literatura. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 2, n. 2.

Damo, A. (2002). **Futebol e identidade social** – uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS).

Damo, A. (2007). **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: HUCITEC.

Elias, N.; Dunning, E. (1992). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel.

Franco Júnior, H. (2007). **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras.

Gastaldo, E. (2009). Futebol, mídia e interações sociais entre torcedores no Brasil: Um estudo etnográfico. **Razón y Palabra**, México, n. 69, pp. 1-9.

Hansen, V. (2007). Torcida organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade. **Dissertação de Mestrado em Educação Física**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

Helal, R.; Gordon Júnior, C. (1999). Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, pp. 147-165.

Helal, R.; Gordon Júnior, C. (2002). A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. *Ecopós*, v. 5, n. 1, pp. 37- 55.

Helal, R.; Soares, A. J.; Lovisolo, H. (2001). **A invenção do país do futebol** – mídia, raça e idolatria. São Paulo: Mauad.

Levine, R. M. (1982). Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: Meihy, J. C. S. B.; Witter, J. S. (orgs.). **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, pp. 21-44.

Leite Lopes, J. S. (1994). A vitória do futebol que incorporou a pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista da USP/ Dossiê futebol**, São Paulo, n. 22, pp. 64-83.

Lopes, F. T. P.; Cordeiro, M. P. (2010). Torcidas organizadas do futebol brasileiro: Singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 104.

Magazine, R.; Martinez, S. (2009). El sistema de rivalidade futbolísticas en México. Reflexiones en torno al proyecto “Identidades, Prácticas y Representaciones de los aficionados al futbol en México: un análisis comparativo multiregional”. **Razón y Palabra**, Monterrey, n. 69, pp. 1- 35.

Moreira, M. V. (2007). Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina. **Austral de Ciencias Sociales**, Valdivia, v. 13, n.1, pp. 5-20.

- Murad, M. (1996). **Dos pés à cabeça** – elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.
- Negreiros, P. J. L. C. (1998). A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. **Tese de Doutorado em História**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica.
- Paula, A. R. (2004). Violência das Torcidas e Racismo no Futebol: o que a escola tem com isto? **Revista Urutágua**, Maringá, n.7.
- Pimenta, C. A. M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2.
- Ramos, R. (1984). **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes.
- Reis, H. H. B. (1998). Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. **Tese de Doutorado em Educação Física**. Campinas, Unicamp.
- Reis, H. H. B. (2003). Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo esportivo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 17, n. 2, pp. 85-92.
- Sahaj, T. (2009). Pseudo-fans – The analysis of the phenomenon of polish football hooliganism. **Human Movement**, Wroclaw/Poznan/Cracóvia, v. 10, n. 1, pp. 64-66.
- Santos, T. C. (2004). **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume.
- Silva, G. S. A. (2008). Torcidas organizadas: Aspectos Sociais e Criminais. Uberaba, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1908>> Acesso em: 30 de junho de 2008.
- Soares, A. J. G.; Lovisolo, H. R. (2003). Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, pp. 129-143.
- Toledo, L. H. (1996). **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/FAPESP.
- Toro, C. A. (2004). O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo. **Dissertação de Mestrado em Sociologia**. Campinas, Unicamp.
- Wisnik, J. M. (2008). **Veneno remédio** – O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.